



**PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA –
PROEAD.**

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE PEDAGOGIA-PARFOR/CAPES/UEPB/MEC

Linha de Pesquisa: Educação Básica

**DIFICULDADES NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: Um estudo de caso no Centro Educacional de
Ensino Fundamental Epaminondas Torres de Aquino/Mulungu-PB**

MISLENE MARINHO CABRAL

GUARABIRA – PB

2015

MISLENEMARINHO CABRAL

**DIFICULDADES NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: Um estudo de caso no Centro Educacional de
Ensino Fundamental Epaminondas Torres de Aquino/Mulungu-PB**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título Licenciatura Plena em Pedagogia (PARFOR/UEPB/MEC) sob orientação do Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto.

GUARABIRA-PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

R696u Cabral, Mislene Marinho

Dificuldades no ensino da leitura e escrita na educação básica: um estudo de caso no Centro Educacional de Ensino Fundamental Epaminondas Torres de Aquino/Mulungu-PB / Mislene Marinho Cabral. – Guarabira: UEPB, 2015. 49 p.

Monografia (Graduação em Pedagogia-PARFOR) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto”.

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Prática Educativa.. I.Título.

22.ed. CDD 370

Trabalho de conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para obtenção do título
Licenciatura Plena em Pedagogia
(PARFOR/UEPB/MEC) sob orientação do
Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto.

Data da avaliação 08 / 08 / 2015

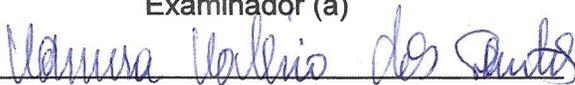
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto – UEPB/CH/DG
Doutor em Sociologia pela UFPB
Orientador (a)



Prof. Ms. José Otávio da Silva
Mestre em Educação pela UFPB
Examinador (a)



Profa. Ms. Vanusa Valério dos Santos
Mestre em Educação pela UFPB
Examinador (a)

Guarabira/PB, 2015

Dedico esta conquista à minha mãe Francisca, minha tia Josefa; aos meus filhos, Renan e Lorenzo e ao meu esposo, José Isnard; ao meu amigo Willamy Joaquim que me incentiva nos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar com sua luz divina permitindo a concretização de mais uma realização.

Aos meus familiares, em especial ao meu marido José Isnard, aos meus filhos que entenderam a minha ausência, sempre aos sábados, para esse estudo.

Agradecer ao amigo Williamy Joaquim, pois sempre esteve ao meu inteiro dispor, incentivando, corrigindo, apontando as falhas. Com ele senti mais segurança em concluir essa pesquisa.

Ao professor Dr. José Berlamino Mariano Neto, pela orientação, apoio e disponibilidade durante todo o trabalho e aos membros da banca José Otávio e Vanusa Valério, pelas críticas, todas construtivas.

Gostaria de agradecer em muito ao trabalho da professora Mônica de Fátima, uma sempre dedicada coordenadora de polo. Ele pegado em nossos “pés” o tempo todo, mas isso foi de essencial importância para a nossa conclusão de curso. Em seu nome quero agradecer também a professora Adalgiza Razia, coordenadora geral do Parfor/UEPB, pois sempre esteve nos apoiando em tudo que envolveu esse curso.

A todos os docentes do Curso de Pedagogia, por compartilharem comigo grande parcela dos seus conhecimentos.

A todos os colegas de sala, pelos momentos e expectativas compartilhadas durante as aulas.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho, expresso o meu sincero agradecimento.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

(Paulo Freire)

LISTA DE SIGLAS

IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

MEC- Ministério da Educação e Cultura.

PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

PENAI- Programa Nacional de Alimentação Escolar

PCNS- Parâmetros Curriculares Nacionais.

PDDE- Programa Dinheiro Direto na Escola.

PNAIC- Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa.

PNDE- Plano Nacional de Educação.

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Curso de Capacitação para professores do município de Mulungu.....	34
Figura 02 – O cantinho da leitura com a turma de segundo ano.....	37
Figura 03 – Estudante fazendo atividade sobre gêneros textuais.....	38
Figura 04 – A frenda da Escola Epaminondas Torres de Aquino.....	40
Figura 05 – Estudante fazendo atividades de leitura.....	44
Figuras 05 e 06 – Estudantes de ambos os sexos fazendo atividade na lousa.....	45

PEDAGOGIA/PARFOR/UEPB/MEC

DIFICULDADES NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:Um estudo de caso no Centro Educacional Epaminondas Torres deAquino/Mulungu-PB, 2015.

CABRAL, Mislene Marinho.

Orientador: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

Examinador: Prof. Ms. José Otávio da Silva

Prof. Ms. Vanusa Valério dos Santos

RESUMO

Esta pesquisa partiu das inquietações pessoais da pesquisadora em buscar compreender os processos que favorecem o ensino de Leitura/Escrita nas fases iniciais e as dificuldades encontradas pelos educadores para a realização deste trabalho pedagógico no Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino, Mulungu-PB. Tem por objetivo principal analisar as dificuldades de aprendizagem no processo de leitura e escrita para os estudantes da educação básica na escola foco desta pesquisa. Para atingir o objetivo estabelecido aplicamos entrevistas aos professores e também a técnica de observação para que fosse possível a análise de dados através dos discursos coletados, além de uma caracterização geral e estrutural da escola objeto da pesquisa; o levantamento de situações reais de pesquisa com os professores e com os pais das crianças entrevistadas para compreendermos os graus de dificuldades encontrados no processo de aquisição de leitura e escrita. A metodologia adotada é de uma pesquisa qualitativa, com a prática da observação participante, pois a pesquisadora atua no Educandário a mais de 20 anos, com experiência nas diferentes séries do ensino fundamental, sempre em sala de aula e acompanhando diretamente uma turma. Para a fundamentação teórica lançamos mãos de autores que contribuem com a compreensão do processo de leitura e escrita como Saussure(1966), Ribeiro apud Bakhtin(2006), Freire(1988), Fiorin(2010), Mortatti(2004),Lima(s/d), Abdalla(1988), Solé(1988), Martins(2004), Rangel(2007), Gadotti(2007) e os PCN de Língua Portuguesa(1997), para alcançar maior compreensão da temática estudada.

Palavras-chave: Dificuldade, Leitura e Escrita e Prática Educativa.

PEDAGOGY/PARFOR/UEPB/MEC

DIFICULTIES IN THE TEACHING OF READING AND WRITING IN BASIC EDUCATION: A case study in the Educational Center Epaminondas Torres de Aquino/Mulungu-PB, 2015.

CABRAL, Mislene Marinho.

Advisor: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

Examiner: Prof. Ms. José Otávio da Silva

Prof. Ms. Vanusa Valério dos Santos

ABSTRACT

This research came from personal concerns of the researcher in comprehending the processes that favor the teaching of reading and writing in the students initial phases and the hardships found by the educators to the realization of the pedagogic work in the Educational Center Epaminondas Torres de Aquino, Mulungu-PB. The principal objective is to analyze the learning difficulties in the reading and writing processes to the basic education students in the focused school of this research. To reach the established objective we applied interviews to the teachers and the observation technique to make possible a data analysis of the collected speeches, besides a general and structural characterization of the said school in the research; the gathering of real situations of research with the teachers and the parents of the interviewed students to comprehend the degree of difficulties found in the acquisition process of reading and writing. The adopted methodology was a qualitative research, with the practice of participative observation, because the researcher has been acting in the school for 20 years, as experience in the different levels of the elementary school, always in the classroom and following the class directly. For the theoretical grounding the authors that helped to comprehend the reading and writing process were Saussure (1966), Ribeiro apud Bakhtin (2006), Freire (1988), Fiorin (2010), Mortatti (2004), Lima (s/d), Abdalla (1988), Solé (1988), Martins (2004), Rangel (2007), Gadotti (2007) and the PCN of Portuguese Language (1997), To reach a higher comprehension of the studied theme.

Keywords: Difficulties. Reading. Writing. Educative Praticce.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O QUE É LINGUAGEM.....	17
2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA.....	21
2.2 A ORALIDADE E A ESCRITA.....	24
3. O PAPEL DO PROFESSOR(A) NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.....	26
3.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA.....	28
3.2 O PERFIL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CENTRO EDUCACIONAL EPAMINONDAS TORRES DE AQUINO.....	35
4. CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO EDUCACIONAL EPAMINONDAS TORRES DE AQUINO.....	40
4.1 ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOS EDUCADORES E PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade abordar o tema Leitura e Escrita cujo objetivo principal é compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam diferentes situações de participação social, bem como, aproximar os leitores dos textos e os tornar familiares. Estimular o desejo pela leitura, informando como escrever e sugerindo sobre o que escrever para possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita: Processo de leitura e escrita, conceituando leitura e escrita e enfocando algumas questões como: O que é linguagem? Qual a importância da leitura e da escrita? Quais as dificuldades para sairmos da oralidade para a escrita?

O objetivo com esta pesquisa foi analisar as dificuldades de aprendizagem no processo de leitura e escrita para os estudantes da educação básica do Centro Educacional de Ensino Epaminondas Torres de Aquino, localizada no município de Mulungu/PB. Trata-se de uma escola da zona urbana, e que atende aos estudantes nos períodos da manhã, tarde. Essa área objeto da pesquisa representou um estudo de caso, para melhor apresentarmos a práxis do processo de ensino e aprendizagem local.

Para atingirmos o objetivo geral da pesquisa foi preciso fazer uma caracterização geral e estrutural da escola objeto da pesquisa; levantar questões sobre as práticas pedagógicas e o perfil profissional dos educadores das séries iniciais; foram levantadas situações reais de pesquisa, com os professores e com os pais das crianças pesquisadas para compreendermos os graus de dificuldades encontrados no processo de aquisição de leitura e escrita.

A metodologia adotada é de uma pesquisa qualitativa, com a prática da observação participante, pois a pesquisadora atua no Educandário a mais de 20 anos, com experiência nas diferentes séries do ensino fundamental, sempre em sala de aula e acompanhando diretamente uma turma. A escolha do tema e problema apresentado se deu justamente por ter ensinado o maior período de sua carreira profissional com o segundo ano, período em que as crianças deveriam apresentar os primeiros domínios sobre a leitura e escrita.

Além da pesquisa qualitativa, foram feitos levantamentos bibliográficos que deram base para a construção teórica da pesquisa, em que os autores abordados tratam diretamente sobre o processo de leitura e escrita, além das práticas pedagógicas estudadas. Dentro da observação participante, foram feitos registros de imagens, acompanhamento de reuniões pedagógicas, de planejamento escolar bimestral para análise do processo de ensino e aprendizagem, com trocas de experiências entre os trabalhadores da educação.

Na parte prática da metodologia, também foram feitas entrevistas semiestruturadas com professoras e professores, pedagoga da escola, além de pais ou responsáveis por crianças que estudam na escola. Estas entrevistas serviram para melhor qualificar a pesquisa, demonstrando os resultados a partir das práticas no chão da escola. As imagens fotográficas foram fundamentais para melhor localizar tanto o objeto de estudo, quanto a realidade escolar a partir das salas de aulas.

O que leva o aluno (a) a ter dificuldades na leitura e escrita? Não é difícil encontrar nas fases iniciais do ensino fundamental, e até no ensino médio, mesmo não sendo o foco deste trabalho, mas sim, priorizar as fases iniciais do ensino fundamental, alunos (as) com dificuldades em estabelecer uma leitura correta, como também, escrever de acordo com a ortografia vigente em nosso país. Some-me a isso, destaca-se o fato de os alunos, no processo de leitura e escrita não desenvolverem suas potencialidades no que diz respeito a inferir no texto, extraindo daí um melhor entendimento sobre o que leem.

Acreditamos ser o ensino fundamental a fase para que as crianças adquiram as habilidades para a leitura e escrita, mesmo conscientes de que o aluno já traz consigo ao chegar na escola, uma carga de leitura, que, se não é uma leitura adquirida nos bancos escolares e, portanto, dirigida de forma sistematizada, mas é uma leitura que assemelha-se ao que nos aponta Paulo Freire (1988), “ é a leitura de mundo”, o momento em que deve ser bem trabalhado esses conceitos e desenvolvidas práticas pedagógicas que sejam capazes de construir no aluno(a), as potencialidades e competências para que desempenhem suas funções sociais, utilizando uma linguagem adequada em todas as situações comunicativas.

Muitas vezes, não conseguimos ter êxito na alfabetização dos estudantes das séries iniciais. Utilizamos diversas práticas pedagógicas mesmo assim o processo se

torna difícil. É necessário, portanto, que o professor(a) da educação básica seja bem consciente de todos os mecanismos que compõem o processo de aquisição de leitura e escrita, inclusive um aporte teórico que lhes permitam pensar práticas inovadoras que propiciem o contato com textos variados e diferentes situações em que o (a) aluno (a) possa ter a oportunidade de escrever e reescrever textos.

Dentre essas novas perspectivas, temos uma predileção no momento para a prática da metodologia de projetos pedagógicos para o melhoramento do ensino de leitura e escrita. São projetos que contemplam a leitura e a escrita em que se usam práticas complementares fortemente relacionadas à escrita para transformar a fala e a fala influenciar a escrita. São práticas que permitem ao educando construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros e desenvolver procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los sobre as circunstâncias do uso da escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1997, p. 66), ao teorizar sobre os domínios da linguagem escrita nos diz: “O domínio da linguagem escrita se adquire muito mais pela leitura do que pela escrita. É preciso aprender sobre os aspectos notacionais de escrita: o princípio alfabético e as restrições ortográficas”.

Assim, fica clara a importância do processo de aquisição da leitura, como forma de o estudante poder com mais propriedade, inclusive pela observação nos momentos em que esteja diante dos textos, absorver melhor todo o esquema da língua, como a observação da pontuação, esquemas de frases e orações, etc. O ato de leitura e escrita deixará de ser apenas treino, pronúncia e ortografia para assumir funções sociais, isto implica a utilização de textos variados do interesse dos alunos, tornando-os leitores e produtores de textos de verdade.

Propiciar momentos em que os alunos possam estar diante da diversidade textual existente os capacitará melhor para que, através do desenvolvimento de sua linguagem, quer oral, quer escrita possa assumir as funções sociais inerentes a cada indivíduo. Mas a coisa não é tão simples o quanto as argumentações teóricas apresentam, pois no chão da escola, passam a existir questões complexas e de ordem sociais, econômicas e culturais que podem atrapalhar esse processo de ensino aprendizagem. Questões familiares e psicológicas que nem sempre são

perceptíveis a primeira vista, mas que estão no cotidiano escolar, como verdadeiros desafios aos professores e professoras das séries iniciais.

O trabalho ficou estruturado em quatro capítulos, sendo o primeiro de perfil introdutório, seguido do capítulo dois, em que se abordou os teóricos e metodológicos da pesquisa. O capítulo três tratou das questões relativas ao papel do professor no processo de aquisição da leitura e escrita pelos estudantes. No capítulo quatro tratou-se de uma caracterização da área objeto da pesquisa, com enfoque para o estudo de caso. Assim foram feitas as considerações finais, elementos bibliográficos e anexos ao texto final.

Esperamos que este trabalho possa ser mais uma contribuição para que compreendamos o processo de aquisição da leitura e escrita, e que possamos a partir das teorias estudadas, como também das práticas que desenvolveremos em sala de aula contribuir com a melhoria do ensino de leitura e escrita aos alunos, tornando-os indivíduos pensantes e críticos em nossa sociedade.

2 O QUE É LINGUAGEM?

Estudar a linguagem não se constitui tarefa fácil. É, estarmos diante de várias teorias que, muitas vezes, são contrárias, e que trazem em si mesmas contribuições que nos apontam caminhos para que o estudo da linguagem se torne mais compreensível. Para efeito de análise neste trabalho conceituaremos a linguagem a partir dos textos de Bakhtin, Ferdinand de Saussure (1966) e José Luiz Fiorin (2010), para que compreendamos o conceito de Linguagem de forma mais ampla, inclusive as distinções entre linguagem e língua e possamos adquirir novos conhecimentos que nos proporcionem a inovação das nossas práticas pedagógicas, e possamos tornar o aprendizado da linguagem mais prazeroso.

O pesquisador Ribeiro (2006) em seu artigo “O conceito de linguagem em Bakhtin”, traça um perfil do que seja a linguagem e faz a distinção entre linguagem e língua com base nos estudos de Saussure (1966). Ele nos diz que:

Se perguntar sobre conceitos na obra de Bakhtin, é sempre um desafio, pois não se tem um terreno sólido para se tecer construções formais, pois o pensamento Bakhtiniano sempre foi baseado na filosofia do movimento e a linguagem não é diferente (SAUSSURE, 1996, p.25).

É sempre um terreno em constantes transformações e que precisam ser entendidos. Quando levamos essas questões para o nosso cotidiano do chão da escola, nos depreendemos com uma realidade muito parecida com a elencada pelo autor. Mas, nem sempre a teoria encosta na realidade observada.

Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da teoria linguística tradicional nos traz uma ideia digna de observação quando tenta distinguir língua e linguagem:

Mas, o que é língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem, ela é apenas uma parte dela, essencial, é verdade. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos. Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavalgando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela

pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade (SAUSSURE, 1966, p.25).

Saussure admite que a linguagem seja diferente da língua. Este é um fato bem curioso. A língua para o linguista genebrino é uma parte apenas da linguagem que ele admite ser muito mais ampla que a primeira, ou seja, a linguagem. Logo, a linguística não tem como objeto de estudo a linguagem humana, mas uma parte dela. Ainda afirma que a língua é um “produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos”.

Saussure (1966), trocando em miúdos, está nos afirmando que a linguagem é muito ampla e que a língua é apenas um instrumento que possibilita o exercício da linguagem pelos indivíduos, ademais de ser um conjunto de convenções. Não podemos, portanto, confundir a língua com o uso da linguagem humana. O linguista nos afirma que:

A linguagem é multiforme e heteróclita, cavalcando sobre diferentes domínios ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico; ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade (SAUSSURE, 1966, 27)

Como vemos, Saussure descarta a possibilidade de um conhecimento científico da linguagem humana, e em função disso, determina que se estude apenas o seu aparato técnico. O estudo da língua, portanto, é de suma importância para os avanços do campo da linguagem, e dos estudos linguísticos, pois só se estuda a linguagem, a partir do sistema organizado de signos que compõem uma determinada língua, embora, como já dito anteriormente, a linguagem seja um campo que vai além da língua.

Bakhtin se apresenta aqui, não como um linguista, mas sim como um filósofo da linguagem, pois para ser considerado linguista, uma vez que são contemporâneos, o mesmo teria que aceitar as premissas de Saussure. Fato este que não ocorre, pois critica duramente os princípios de Saussure. A teoria de Bakhtin se baseia fundamentalmente em entender o exercício da linguagem humana por parte dos indivíduos. Bakhtin considera em seus estudos da linguagem a língua

falada, ou seja, tudo o que é desprezado por Saussure. A língua, considerada por Saussure como objeto da linguística, não é nada mais que o reflexo da linguagem viva e real.

Bakhtin nos afirma que o único objeto real e material de que dispomos para entender o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade, ou seja, a língua falada, nas casas e nas feiras, na rua, na igreja, no quartel e na repartição, no baile e no borde, é sempre o que existe de palpável para o estudo.

É necessário, portanto, que entendamos o porquê de Bakhtin não aceitar a visão saussuriana, pois o mesmo surgia no cenário como estudioso da língua em um período em que as transformações sociais da época estavam em constante movimento, e é, justamente por isso, que ele não aceita que a língua seja apenas um mero conglomerado de signos que compreende um significado e um significante, como nos afirma, Saussure, mas sim, ele dá enorme importância aos enunciados que se produzem de acordo com as situações comunicativas existentes. Bakhtin trabalha com um mundo em movimento e em perene transformação, tendo como seu objeto de estudo o processo, e não se submete a uma forma fixa e imutável. O enunciado é, portanto, o principal foco de estudo das teorias de Bakhtin, quando se fala em língua.

O enunciado não é um conceito meramente formal; um enunciado é sempre um acontecimento. Ele demanda uma situação histórica definida, atores sociais plenamente identificados, o compartilhamento de uma mesma cultura e o estabelecimento necessário de um diálogo, conforme nos aponta Luís Filipe Ribeiro em seu artigo.

Como vemos cada enunciado é um ato histórico novo e repetível. E é este enunciado a unidade básica do conceito de linguagem de Bakhtin. Toda linguagem só existe num complexíssimo sistema de diálogos, que nunca se interrompe. Assim, os dois teóricos já citados se contradizem como dito na introdução deste capítulo, quando um considera a linguagem objeto de estudo a partir de estudos linguísticos que precisam da língua organizada como sistema de signos, como é o caso de Ferdinand de Saussure, em contraponto com as ideias Bakhtinianas, que considera os enunciados como foco de estudo.

Ainda em relação à temática da linguagem, queremos citar o conceito de um dos autores mais próximos a nós que nos traz uma contribuição importante para o estudo do conceito de linguagem.

José Luiz Fiorin, (2010) em um vídeo escolar, sendo entrevistado nos diz:

A Linguagem é um conjunto estruturado de signos que se combinam de uma determinada maneira com vistas a comunicação. Todos os elementos estruturados entre si são linguagens: como linguagem verbal (oral e escrita) construídas por palavras, frase, textos e etc. Na qual possibilita o homem se comunicar através de ideias e pensamentos próprios e de diversas naturezas, influenciando uns aos outros a estabelecer relações interpessoais (FIORIN,2010).

Observamos que Fiorin (2010), ao teorizar o que para ele é a linguagem, traz uma concepção bem aproximada das ideias de Ferdinand de Saussure, levando em consideração a estruturação da língua e sua subdivisão em signos, que como já dissemos, compreendem a presença de um significado e um significante, estabelecendo relações múltiplas de sentido até que se configure o processo comunicativo.

O rico dessa preocupação teórica é quando observamos o cotidiano da nossa escola, pois podemos compreender até que ponto os significados e significantes ganham sentido para as crianças e adolescentes que estão em processo de aprendizagem. Como cada um se relaciona com aquele signo que estrutura a língua pátria, que ele de certa maneira, domina em sua oralidade cotidiana.

E ainda para deixarmos bem claro a importância da linguagem para o ser humano e já pensando em introduzir outras ideias nos próximos capítulos, apresentamos a concepção de um dos indicadores mais utilizados no Brasil, que direciona o ensino de língua e linguagem nas escolas brasileiras.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, Língua Portuguesa, v.2, p. 24), e tentando refletir sobre a concepção de linguagens e línguas estabelecidas, percebemos que se trata também de uma aproximação das ideias saussurianas, como vemos abaixo:

Dessa perspectiva, a língua é um sistema de signos históricos e sociais que possibilitam ao homem significar o mundo a

realidade. Portanto cabe a escola a função de garantir aos educandos a ter o acesso aos saberes linguísticos para um exercício de cidadania e direitos para todos(PCN, LÍNGUA PORTUGUESA, 1997. V 2,p.24).

Assim, ao observarmos a definição do que venha a ser a língua, acreditamos que os estudiosos, levaram em consideração ao prescrito por Saussure, dada a importância da difusão de suas ideias para o mundo, e principalmente para o ocidente, de que fazemos parte. No nosso entender, enquanto prática docente vale destacar como é o rico o processo de domínio formal da língua pátria, mesmo considerando as dificuldades do processo de aprendizagem. Quando os estudantes começam a dominar os signos, atribuindo aos mesmo os significados sociolinguísticos de sua realidade, notamos que passa a existir uma mística em que só a linguagem nos permite o comunicar enquanto um princípio básico dos seres humanos.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA

Para Freire (1988) a leitura é de fundamental importância para que os indivíduos possam participar dos processos sociais e desenvolver a sua personalidade. Através da leitura tomamos contato com outras ideias e somos capazes de estabelecer correlações com outros modos de visualizar os mais diversos conceitos já preestabelecidos e que são incutidos automaticamente em nossas memórias.

Ao ler, somos capazes de inferir de forma mais enfática através de processos reflexivos e transformar a nossa realidade, utilizando-se de processos cognoscentes que são inerentes às nossas faculdades humanas. Esse processo de letramento é bem complexo, mas também bem teorizado por diversos estudiosos, pois sabemos que ler, vai muito além de um processo formal institucionalizado e que desde crianças já ingressamos num processo de letramento, que se não é o acesso direto ao mundo das letras, orientado pela escola, como instituição detentora do dever de transmitir e dar acesso ao saber organizado, mas é uma leitura prévia que, sabiamente, Freire (1988, p. 36), batizou de “leitura de mundo”.

Assim, mesmo antes de entrar na escola, nossos alunos têm larga experiência com o mundo letrado, ou seja, a leitura de mundo, pois é diário o contato com letreiros, outdoors, embalagens de produtos industrializados, sem falar na presença massificada da televisão (e em muitos casos até mesmo da internet) em grande parte dos lares brasileiros. Para FREIRE, (1988),

Há muita gente que está profundamente iludida quando pensa que uma criança, que vai ser alfabetizada, não lê. Ela não lê a palavra, mas lê o mundo. O processo da sua alfabetização se dará à medida que a leitura da palavra se insira na leitura do mundo e continue a estimular a continuidade da leitura do mundo. (FREIRE, 1988, p.36-37).

Então ficamos nos perguntando: Se já lemos o mundo, qual a importância da leitura em que somos inseridos no universo escolar? É ela, realmente, necessária? Em uma primeira tentativa de resposta a essa pergunta, nos atrevemos a responder que sim, pois como já dito no início, o processo de leitura formal nos ajuda a ampliar nossas visões e nos dá o acesso devido a todos os processos sociais, inclusive, a absorção de novos saberes que desconstruem nossas visões, digamos que, fantasiosas da realidade e nos insere num processo de reflexão, tão necessário para que os indivíduos possam se compreender como parte integrante da sociedade em que habita.

Neste contexto, a escola é uma instituição importantíssima quando se abre e reconhece a importância do ato de ler para o desenvolvimento dessas capacidades nos alunos. A leitura é descrita por Mortatti (2004, p.100) como:

[...] ler [...] é um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Não são categorias polares, mas complementares: ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos (MORTATTI, 2004, p.100).

Para a autora, já enfatizando os processos de leitura que se desenvolvem no ambiente escolar essas habilidades são de extrema importância para que o indivíduo possa se desenvolver na sociedade, compreendendo o que leem e inferindo nos textos, quer verbais e não-verbais, abstraindo a sua carga significativa.

Assim, a leitura vem crescendo no ambiente escolar com a chegada de livros infanto-juvenil do PNDE e de implantações de alguns programas de incentivo à leitura e a escrita para que estes educandos venham ser incentivados na prática de leitura e da escrita. Na escola, principalmente, com o programa do PNAIC, muitas crianças foram incentivadas à leitura como forma de melhorar a escrita, pois se trata de processos que não se dissociam, embora a leitura preceda a escrita.

A escrita é um processo que, nas séries iniciais se processa com certa dificuldade, pois como sabemos, o ato de falar é mais fácil por sua automaticidade. Escrever requer o desenvolvimento de determinadas habilidades que a escola e os professores devem conduzir e orientar da melhor maneira possível, desde os primeiros rabiscos delineados numa folha de papel, até à decodificação do alfabeto e as pequenas construções de palavras e frases completas. É um processo complexo, mas que se desenvolve em consonância ao processo de leitura e complementando-se.

Mortatti (2004, p.100-101) quando se refere ao processo de escrita a define da seguinte forma:

1[...] as habilidades e conhecimentos da escrita estendem-se desde a habilidade de simplesmente transcrever sons até a capacidade de comunica-se adequadamente com um leitor em potencial. E [...] também aqui não são categorias polares, mas complementares: escrever é um processo de relacionamento entre unidades sonoras e símbolos escritos, e é também um processo de expressão de ideias e de organização do pensamento sob forma escrita. (MORTATTI, 2004,p.100-101).

A autora ainda nos informa sobre a complexidade desse processo, enfatizando que tal dificuldade resulta da complexidade das possíveis definições de “letramento”, especialmente em suas dimensões individual e social e em suas relações com a alfabetização e com a educação (escolar).

É, portanto, um processo complexo, que requer dos profissionais de educação um jeito todo especial na promoção de atividades que mesclam leitura e escrita como processos indissociáveis e torne possível o desenvolvimento do aluno em todo seu potencial cognitivo.

No dia a dia, nos deparamos com situações que é necessário o educador adotar as medidas que sejam necessárias para uma aprendizagem mais eficaz fazendo diagnósticos contínuos não se limitando a conhecer sobre o sistema de escrita em que os alunos se encontram, mas devem levar em conta o interesse que

cada educando leva em conta e a disposição que eles mostram para escrever e o interesse em aprender.

Como já frisado inúmeras vezes no decorrer deste trabalho, percebemos que a aquisição da língua escrita tem se constituído no grande deságio para educadores educandos. De forma até espantosa, a realidade escolar tem revelado que grande contingente de alunos são excluídos da escola, no início mesmo da alfabetização, por apresentarem resultados insuficientes no domínio da leitura e escrita.

A língua oral e a escrita são duas instâncias diferentes da linguagem que, por sua vez, apresentam características próprias. Ocorre que esse fato, muitas vezes, não é considerado pelo professor de língua materna e isso faz com que o aluno transfira para a escrita as marcas próprias da fala. É, portanto, algo facilmente perceptível e que, por vezes, deixamos de estar atentos para que a prática pedagógica desenvolvida no espaço escolar atinja os objetivos propostos.

2.2 ORALIDADE E ESCRITA

Não é de se espantar que afirmemos que a fala é anterior à escrita. Todo ser humano, dentro de suas normalidades, tem a capacidade de falar. Já a escrita é adquirida, não sendo, de acesso a todos.

De acordo com a teorização de Vânia Carmem Lima (s/d) em seu artigo “As marcas da oralidade na produção escrita do aluno a escrita”:

Permite ainda ao homem um maior poder de abstração, visto, transcender à situação imediata da fala e, diferentemente desta se deixa refazer. Esse processo de refração é praticamente impossível na fala, uma vez que o dito depois de processado pelo ouvinte, dificilmente pode ser retificado de forma eficaz. [...] A escrita, apesar de não se fazer única, haja vista que as variações de registros, possuem características diferenciadas da fala. A sua sintaxe, em virtude da ausência do interlocutor, se organiza de maneira clara e explícita. Esse, aliás, constitui o fator a situacionalidade que difere do modo como se dá na fala, vez que nesta a sintaxe sofre a interferência do interlocutor, e nesse sentido, poderá ocorrer à polarização ou a reorganização das construções sintáticas (LIMA, s/d).

Feita essa citação, fica lógico que a fala espontânea responde basicamente às necessidades de comunicação. Ela ocorre mais na forma do discurso direto e se

processa de uma maneira mais fácil, pois com a presença do interlocutor, o discurso se torna mais compreensível. Já na escrita, visto que há a ausência do interlocutor e exige do indivíduo maior empenho e o desenvolvimento de algumas capacidades cognoscitivas e sintáticas, se torna um processo mais demorado, e, portanto, mais complexo.

Em relação ao processo de aquisição da linguagem escrita em contraponto com a oralidade, como já dito, é preciso que estejamos atentos para que levemos em conta as diferenças básicas que existem entre a fala e a escrita, pois se não soubermos distinguir bem as diferenças e planejar as nossas aulas deixando claro para os nossos alunos esses pormenores, correremos um grande risco de incorrerem no fracasso da leitura e da escrita na escola.

Esta reflexão teórica e até certo ponto, metodológica nos deu o suporte necessário para entendermos o processo de ensino e aprendizagem, no que diz respeito aos processos linguísticos, os estudantes, mesmo apresentando as dificuldades inerentes ao seu universo cultural.

3. O PAPEL DO PROFESSOR (A) NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

Como educadores temos que mostrar técnicas específicas que leva o educando a ter contato com mais variados tipos de linguagens da mais simples a mais específica e com esse trabalho podemos tornar educandos criadores e diferenciadores de culturas. Abdalla(1988), afirma que:

Através da linguagem, entendida substancialmente como uma forma de interação, que abrimos um espaço para as questões de educação, considerando-a como prática social, cujos principais atores (professores e alunos) refletem a cultura e os contextos sociais a que pertencem, mas ao mesmo tempo, ao se constituírem como sujeitos, permitem que se construa uma cultura própria(ABDALLA, 1998, p.15).

O desafio maior como educador é se tornar um educador motivador produtor de conhecimento é mostrar subsídios para que os educandos possam ser capazes de produzir a formação do conhecimento. Para Abdalla(1998):

Entender as práticas sociais no contexto da produção de linguagem e de humanidade refere-se a compreensão de nós mesmos envolvidos com a leitura e a produção da escrita na coletividade enquanto educadores(ABDALLA, 1998, p.18).

Vemos, portanto, que a profissão de educador é uma das mais importantes por ser considerado, primordialmente, como a que possibilita a mediação dos conhecimentos através de práticas pensadas pedagogicamente e institucionalizadas. Dessa forma, quando se trata da prática que ensina a leitura e a escrita nas séries iniciais sabemos que a dificuldade é mais intensa, pois muitos alunos não apresentam predisposição para a absorção dos saberes que são importantes para um bom desempenho da aquisição da leitura e escrita. Formar leitores que sejam capazes de pensar desde cedo, de forma que se tornem indivíduos reflexivos e infiram na sociedade em que vivem, é um grande desafio para os profissionais de educação, mas não tarefa impossível.

As práticas desenvolvidas devem ser muitas e variadas de forma que incentive os alunos a imergir no mundo imaginário e sejam capazes de, e algum momento, descobrir-se e tomar gosto pela leitura.

É interessante que os textos escritos estejam presentes nas salas de aula, nos livros, cartazes, que anunciam determinadas atividades de escritas, desta forma as mesmas se motivam a aprender. É de fundamental importância que o aluno possa vê o próprio professor lendo, ao mesmo tempo, que exige do aluno alguma leitura, é difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura, consiga transmiti-lo aos demais. Solé(1988), nesse sentido nos diz:

O uso significativo da leitura e da escrita na escola também é muito motivador e contribui para incitar a criança a aprender a ler e escrever. Em algumas ocasiões, quando se fala de contexto motivador, referimos prioritariamente à existência de materiais e livros adequados. Em minha opinião, a riqueza de recursos sempre deve ser bem recebida, porém me parece o que mais motiva as crianças a ler e a escrever é que os adultos que tenham importância para elas lendo ou escrevendo (SOLÉ, 1988, p.62-63).

Na prática o interessante é aprender, através dos exemplos das outras pessoas, por isso é interessante que esses bons exemplos, comecem na família, na escola, com os próprios professores, porque eles são os maiores incentivadores, por passarem um maior tempo com as crianças e jovens, na fase de maior desenvolvimento escolar.

Queremos chamar a atenção para este ponto quando enfatizamos a existência de muitos educadores que não apresentam prática de leitura, até mesmo própria, pois como motivar e incentivar à leitura se não se tem paixão pelo que se faz? A família também apresenta sua parcela de contribuição quando não apresenta aos filhos desde criança a leitura, relegando à escola este papel, que como já dissemos é muito árduo, para a escola, para os professores, e se os educadores não apresentarem tal comportamento fica difícil incutir a leitura como uma prática cotidiana.

3.1. O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA

Se a leitura é uma atividade essencial da escola que deseja uma formação efetiva para seus educandos, é necessário que se tenha muita atenção com as práticas desenvolvidas em seu interior, como também uma conscientização clara dos processos que serão desenvolvidos que envolvem a leitura. Nesse sentido, Martins(2004) nos diz:

A leitura vai, portanto, além do texto(seja ela qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, eixa de ser um mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convivem passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso por que o “ dar sentido a um texto” implica sempre levar em conta a situação deste texto e de seu leitor (MARTINS, 2004, p.32).

É necessário que percebamos que quando a criança começa a ter o seu primeiro contato com a escola já chega dominando um código que é a fala, o qual se aperfeiçoará no decorrer do seu desenvolvimento com o contato que ela terá com as pessoas.

Para a professora M.A.R, 42 anos, professora em mais de 22 anos, 5º Ano, nos revelou o seguinte:

-“Os estudantes apresentam dificuldades na leitura e na escrita, mesmo demonstrando que os mesmos possuem uma grande facilidade para a expressão oral. Trabalho todos os dias com leitura oral e faço tarefas em que os alunos precisam exercitar a sua escrita”.

Fica claro que a professora demonstra um compromisso direto com o processo de ensino aprendizagem, mesmo reconhecendo que existe uma cultura da oralidade, que nem sempre bate com o ensino formal. Essa é a pedra de toque, na qual surge a grande mágica do processo de ensino e aprendizagem. O que fazer para além da oralidade, dentro dessa complexa atividade humana em aprender a construir códigos, signos e símbolos representacionais para aprender a aprender. O *mister* em ser professor e o desafiante mundo das dificuldades estão em toda parte.

Ao ser inserido na escola a criança já possui uma língua bem definida. Já consegue se comunicar e expressar seus sentimentos. Só não consegue ainda decodificar as letras e nem fazer leitura da palavra, e não conhece a linguagem formal. É a partir deste ponto que a escola tem o papel fundamental para não esquecer que o aluno chega com certo conhecimento de mundo e que desta forma consegue lê-lo, como afirma FREIRE (1998):

Há muita gente que está profundamente iludida quando pensar que uma criança, que vai se alfabetizar, não lê. Ela não lê a palavra, mas lê o mundo. O processo da sua alfabetização se dará na medida em que a leitura da palavra se insira na leitura do mundo e continue a estimular a continuidade da leitura de mundo (FREIRE, 1998, p.36-37).

Ler é dar significado as coisas, no entanto, no cotidiano realizamos espontaneamente a leitura dos acontecimentos ao nosso redor, compreendemos gestos e situações diversas. Desde nossa infância compreendemos os textos do dia a dia pelo aprendizado natural de nossa experiência diária.

Desde nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranquiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embalar nosso sono. (...) começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para entender a ler. Trata-se, pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida (MARTINS, 2003, p.11).

Desta forma a leitura da palavra se dará quando fizer parte da leitura de mundo que inicia logo que nascemos e é acompanhada por toda a vida, é a leitura que fazemos através dos sentidos como define Martins (2003, p. 42):

A leitura sensorial por tanto vai dando a conhecer o leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o paladar (MARTINS, 2003, p.42).

Assim fica claro que o processo da escrita não tem início na escola, mas sim desde o nascimento, a leitura da palavra vai vir a complementar a leitura que temos e fazemos do mundo. Por isso, o educador deve compreender que a leitura vai muito

além da palavra, ela parte também dos sentidos e percepções das crianças e deve ser trabalhada desde a Educação Infantil, quando a criança não faz a leitura da palavra.

Ao entrevistar o professor W.J.S., 36 anos, professor da escola há 16 anos, concursado, nos diz que:

-“Trabalhar com leitura e escrita não é um processo fácil. É uma luta intensa todos os dias, para que os alunos possam se desvincular da oralidade e passem a assimilar a ortografia correta, ou seja, que o aluno absorva os mecanismos da língua, e possa construir aos poucos o seu discurso, a partir de pequenas frases e ir ascendendo para os pequenos textos, até adquirir domínio da escrita como um todo. Sempre trabalho a escrita associada à leitura. Não consigo visualizar meios em que os alunos possam escrever e reescrever textos, se não forem inseridos corretamente na leitura. O contato com diversos textos deve ser uma prática diária em que nós possamos despertar o gosto dos alunos pela leitura, e posteriormente, trabalhar a escrita”.

Veja quanta riqueza na entrevista do professor, quando o mesmo demonstra o quanto é complexa a experiência em ensinar, em se fazer educador, diante de um mundo onde a oralidade perpassa todas as formas de comunicação entre quem é e quem não é alfabetizado, pois ler o mundo temos lomos, todos compreendemos a nossa maneira o mundo no qual estamos inserido. Mas o domínio sobre o que denominamos de leitura escrita, essa envolve muito trabalho, muito zelo e muito saber pedagógico, saber este que nem todos os ditos professores possuem de fato para ensinar.

O espaço físico da escola é muito importante no que se refere ao desenvolvimento do processo e aquisição da leitura na Educação Infantil, pois um ambiente que não seja atrativo ao incentivo a prática de leitura não auxilia no desenvolvimento do educando deixando, assim, cada vez mais distante sua relação com a leitura. Construir um espaço atrativo, organizado e interativo que vem convidar ao aluno a se aproximar cada vez mais do ato de ler como coloca Rangel (2007) em relação a definição de espaço de leitura.

Traduz uma série de convenções e contratos que instituem e/ou modificam as práticas discursivas reveladoras de símbolos estéticos culturais e ideológicos, auxiliando a compreensão da leitura neste ambiente, organizado disciplinarmente em

conteúdos e valores que tecem a relação do aluno com o ato de ler, de forma não ingênua (RANGEL, 2007, p.73).

Nota-se que, o ambiente escolar influi na relação do aluno com o ato de ler, principalmente na Educação Infantil que, é o momento em que a maioria das crianças tem o primeiro contato direto com a leitura através da figura do professor e esse primeiro encontro é responsável por definir o gosto ou não do educando pela leitura.

O professor, L.A.S.C,38 anos, contratado da escola há 3 anos, nos diz que:

- “Trabalho com alunos de 3º ano, cujos apresentam muitas dificuldades da leitura e da escrita. Sou capaz de compreender em partes, pois sei que os alunos talvez, uma vez que muitos são alunos de baixa renda, e conseqüentemente, os pais não devem ser habituados a ler para eles. Assim, a falta de incentivo vem da própria família. Talvez, muitos alunos só começam a ter contato com livros aqui na escola. Sempre tenho que criar um ambiente propício para que eu trabalhe uma atividade de leitura. Todos os anos, mudo o cenário. Em um ano, trabalho o cantinho da leitura, e mesmo assim, sempre fica lá na sala de aula, mas temos que inovar. Em outro ano, crio o tapete da leitura, e assim, vou mudando os projetos para conseguir chamar a atenção dos alunos para algo que julgo muito importante: os alunos imergirem neste processo de aquisição das primeiras letras, e comecem a usar a sua imaginação e criatividade, criando uma atmosfera propícia para que eles se aproximem dos livros e possam ir se descobrindo. Este ano, por orientação da secretaria, estamos trabalhando o projeto “Maleta da Leitura”. Ah, você precisa ver a alegria do aluno, quando sai com a sua maleta de leitura colorida, com o livro escolhido para ler em casa! Tem rendido muito boas experiências”.

Com isso, aprendemos a ler na escola da vida, isto é, nos relacionamentos que firmamos com o outro e com o mundo, pois cada aprendizado anterior irá nos ajudar na escola que iremos tomar posteriormente, é assim que acontece desde a nossa infância. A pessoa pode até ser de baixa renda e, no entanto, incentivar os filhos para a leitura, para a escrita. Talvez a questão seja bem mais complexa ainda, pois existem muitos outros elementos limitadores do saber que queremos no ato de continuidade e aprofundamento para a leitura escrita do mundo.

Durante o processo de escolarização é muito comum encontrar falhas ou problemas de ordens diversas, principalmente nos primeiros anos de escolarização. Todas as dificuldades encontradas podem acarretar inúmeros problemas que

interferem no desenvolvimento escolar dos educandos, dentre eles é possível destacar como já foi falado anteriormente a falta de incentivo à leitura desde os primeiros anos na escola e, conseqüentemente o alto índice de insucesso escolar. Educar não é fácil, é necessário ter amor, e a mesma exige do profissional muita dedicação e tempo. Segundo Gadotti (2007):

Educar é sempre impregnar de sentido todos os atos da nossa vida cotidiana. É entender e transformar o mundo e a si mesmo. Compartilhar o mundo: compartilhar mais do que conhecimentos, ideias... Compartilhar o coração. Numa sociedade violenta como a nossa é preciso educar para o entendimento. Educar é também desequilibrar, duvidar, suspeitar, lutar, tomar partido, estar presente no mundo. Educar é posicionar-se, não se omitir (GADOTTI,2007, p.42).

Estes argumentos estão em toda a gênese da pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem, no entanto as dificuldades são maiores do que se imagina, pois mesmo que o profissional da educação esteja preparado pedagogicamente, dedicado ao processo, mas a realidade da sala de aula e a cultura doméstica em muitos casos atrapalham o conjunto do fazer pedagógico.

Gadotti (2007), ainda faz outras referências ao ato de ser professor, considerando o espaço e o tempo, bem como as tarefas cotidianas do educar:

Ser professor hoje nem é mais difícil nem mais fácil do que era décadas atrás. É diferente, diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de constantes mudanças, seu papel vem mudando senão na essencial tarefa de educar, de ensinar(GADOTTI,2007, p.63-64).

Percebemos que um dos desafios enfrentados hoje pela escola é ensinar o aluno a ler corretamente. Tornando assim alunos capazes de conviver socialmente no mundo letrado. Diminuindo o número de analfabetos funcionais. Mas sabemos que o aprender a ler e a escrever é um processo bem mais complexo e que envolve os ritmos familiares e da cultura local. Ser professor em cidades do interior, com poucas perspectivas sociais, econômicas e culturais.

Somem-se a isso, aqueles que desde criança não conseguem desenvolver as potencialidades e articular de uma maneira lúcida o processo de leitura se torna

excluso do processo social, causando-lhes certa exclusão. Em relação a isso, Solé(1998), nos diz:

A aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem grande nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem (SOLÉ, 1998, p. 32).

SOLÉ (1998), afirma que o “problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que é leitura, da forma de como é avaliada pelos professores”. As Propostas Curriculares inseridas no dia a dia no meio escolar vêm contribuindo para facilitar o ensino da leitura inserindo projetos que venham incentivar o aluno ao âmbito da leitura.

Portanto, a escola tem um papel primordial que é garantir que seus educandos se tornem cidadãos capazes de interpretar e produzirem diferentes textos em diversas situações.

Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe a escola promover a sua ampliação de forma que, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulem socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (PCN, Língua Portuguesa, v. 2, p. 21).

Quando a criança começa a ter o primeiro contato com a escola ela já chega dominando um código, a fala, o qual se aperfeiçoará de acordo com seu desenvolvimento e o contato que ela terá com as pessoas do contexto social.

Ser professor hoje nem é mais difícil nem mais fácil do que era décadas atrás. É diferente, diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de constantes mudanças, seu papel vem mudando senão na essencial tarefa de educar, de ensinar (GADOTTI, 2007, p.63-64).

Através da linguagem, entendida substancialmente como uma forma de interação, que abrimos um espaço para as questões de educação, considerando-a como prática social, cujos principais atores (professores e alunos) se desdobram em busca da aquisição, de fato, da leitura e da escrita (Figura 01):



Figura 01 – Curso de Capacitação para professores do município de Mulungu, 2014. Fonte: Arquivo da autora.

Sabemos o quanto é importante a formação continuada de professores. Na imagem vemos a professora Clarisse Josinete, explanando para os demais sobre a importância da leitura e da escrita nas séries iniciais. Esse tema foi muito debatido pelos professores do município e deu para observar que os dilemas desse processo são comuns a todas as escolas municipais.

A professa M.V.S, efetiva do município há 23 anos, 3º ano, sobre leitura e escrita nos diz:

- “Vejo que meus alunos são muito desestimulados em aprender a ler e a escrever. Muitos só querem brincar na sala de aula, e por mais que eu tente inovar nas práticas e desenvolver os projetos de leitura, vejo que as mudanças são muito pequenas. É uma pena, pois, às vezes, me sinto meio desestimulada, e gostaria muito que eles correspondessem às expectativas. Acho que a família poderia ajudar muito nesse processo, mas é muito difícil ainda aproximar a família da escola, e principalmente, os pais que trabalham o dia todo. Talvez não tenham tempo de incentivá-los, também em casa. Mas também tenho alguns alunos que se interessam e ainda bem que acontece assim, pois vejo que nem tudo é em vão. Tenho me esforçado muito, e já em fim de carreira, tento inovar, mas não é fácil”.

A professora compreender muito bem as dificuldades em relação ao processo de ensino e aprendizagem, contudo percebe-se que a questão de desencontros

sobre o papel da escola e o papel da família nesse processo fica evidente. Se sabemos que existe uma complexidade no ato de aprender a ler e escrever para além da oralidade, nessa fase é fundamental que tenhamos crianças com o mínimo de educação doméstica para aprender de fato. O que não acontece pois nem sempre existe esse encontro entre o fazer escolar e o fazer familiar.

Já a professora M. L. A. S, 45 anos, efetiva da escola pesquisada, 1º Ano, nos disse que:

- “Quando os meninos chegam no 1º Ano, eu sinto muita dificuldade em ensinar a leitura. São alunos na faixa etária dos 6 anos, e que ainda não são alfabetizados, pois o sistema também ajuda com isso. Começamos um trabalho praticamente do nada, e vamos fazer todo um processo de alfabetização, e como trabalhar com as fases iniciais não é uma tarefa fácil, às vezes, me decepciono muito, mas também tem aqueles que vão aprendendo aos pouquinhos. A Secretária nos incentiva muito, pois está sempre preocupada com a aquisição da leitura e da escrita dos alunos, e faço o que julgo melhor para que possamos atingir os objetivos desejados”.

Como demonstra a professora em sua fala, mesmo existindo dificuldades para alguns, existe aprendizagem para outros, na mesma turma e na mesma faixa de idade, então, surge um elemento importante a refletir sobre o tempo e as condições que cada indivíduo possui em sua vida cotidiana para que atinja o seu máximo. Daí pensarmos para além do ser professor, pois a educação é dinâmica e complexa ao mesmo tempo. Ensinar e aprender, mesmo estando no mesmo espaço, nem sempre se dá da mesma maneira.

3.2 RELATO DE EXPERIÊNCIAS DA PESQUISADORA

Dentro do trabalho de observação participante, enquanto pesquisadora e participante direta do processo educativo, enquanto professora, buscou apresentar as diferentes etapas em que estive envolvida diretamente com o tema exposto ao longo dessa pesquisa. Então, como pesquisadora desse projeto deixa a contribuição

como professora do 2º ano desta escola, relato aqui minha experiência como educadora.

Inicie as atividades educacionais aos dezesseis anos, no ano de 1995, através de meios políticos sem nenhuma experiência, o que seria sala de aula. No primeiro dia de aula lembro-me muito bem cheguei me apresentei para os alunos e já comecei a agir como se fosse professora a muito tempo. A turma era com 30 alunos e uma boa parte era alfabetizada, não tendo assim muita dificuldade em alfabetizar. Fiquei em sala de aula por um período de 2 anos, em 1998 fiz o concurso público sendo aprovada, comecei a trabalhar como monitora numa Creche porque eu não tinha curso superior.

No mesmo ano (1998) fiz o vestibular e passei para o curso letras na UEPB. Quando conclui o curso voltei no ano de 2002 para sala de aula ficando por mais 3 anos. Por motivos de calos nas cordas vocais tive a necessidade em me afastar pelo período de oito anos. Há três anos voltei a lecionar em uma sala de 2º ano como no início, senti muita dificuldade pois fiquei fora de sala sem nenhum contato com a sala. Fui privilegiada em fazer o curso de Pedagogia- PARFOR em regime especial para professor, fico feliz porque com esta graduação pude adquirir mais conhecimentos para trabalhar em sala de aula com meus alunos.

Hoje trabalho com projetos que incentivam a leitura e a escrita como por exemplo o Programa do PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa), veio contribuir para o ensino da aprendizagem, melhorando a forma de como nós educadores devemos alfabetizar os nossos educandos. Através do Projeto pude trabalhar a leitura e a escrita através do Cantinho da Leitura que é obrigatório ter em sala e os Gêneros textuais, como mostro em fotografias abaixo (Figura 02):



Figura 02 – O cantinho da leitura com a turma de segundo ano, 2014. Fonte: Arquivo da autora.

É através da contação de história, que podemos incentivar o/a aluno(a) a buscar na leitura e na escrita o desenvolvimento intelectual tornando-os capazes de compreender seus significados. No momento apresentei o livro, em seguida foram feitas algumas perguntas prévias para medir o conhecimento do aluno, e eles começaram a responder da forma que eles achavam que era certo, comecei a fazer a leitura eles ficaram maravilhados com a história. Cada um falou o que entendeu, pedi então que fizessem o reconto da história oralmente.

Percebemos que os alunos já trazem uma pequena bagagem em conhecimentos prévios de alguns determinados assuntos.

Na continuidade das atividades, os estudantes começam a trabalhar com os gêneros textuais a partir das leituras que foram realizadas tanto pela professora, quanto pelos próprios alunos. Isso ocorre para que os mesmos possam demonstrar o que entenderam das histórias que foram contadas, que foram lidas e até interpretadas pela professora no processo de leitura.

Esse talvez seja um dos momentos em que o estudante mais sente dificuldades, pois o mesmo se depara com o papel, o lápis e a sua imaginação para demonstrar que consegue expor com suas palavras, ou melhor, com suas letrinhas,

o desenrolar de algo que ele compreendeu muito bem através da oralidade e que agora precisa expor em texto. É etapa representa “Um Deus nos acuda”, pois eles alegam que não sabem fazer (Figura 03):



Figura 03 – Estudante fazendo atividade sobre gêneros textuais, 2013. Fonte: Arquivo da autora.

Através dos Gêneros Textuais o aluno passa a conhecer diferentes formas de textos. Claro que fica clara a preocupação do estudante quanto ao desafio em escrever algo sobre a historinha que ele ouviu sendo lida por uma das colegas da turma. Depois todos comentaram e até dramatizações foram feitas com os mesmos, em que se transformam em personagens do conto de fadas “A branca de Neves e os sete anões”.

Na atualidade essa criança já se encontra no quarto ano, sabe ler e escrever com facilidade e demonstra compreender muito bem o que ler. Isso demonstra que no segundo ano é exatamente quando a criança dar o grande pulo para a alfabetização, desde que seja estímulo, pois para as regras formais do processo de ensino aprendizagem, a criança precisaria chegar a este ano já alfabetizada, mas não é o que acontece com todos.

Durante o período da pesquisa pude entrevistar alguns pais para saber do acompanhamento escolar de seus filhos. Ao entrevistar a mãe M. W.S com 30 anos

como Ensino Fundamental Incompleto, ela nos relata que procura incentivar sua filha nos estudos já que ela não conseguiu ter acesso à escola porque tinha que escolher entre o trabalho ou estudar, e, claro tinha que trabalhar para não passar necessidades com a minha família.

No decorrer da sua fala ela nos diz que continua aconselhando a filha que é muito importante estudar pois é através dele que conseguimos trabalhos e ser uma pessoa bem. As vezes ela me pede ajuda na hora das tarefas de casa e faço questão de ajudar. Ao analisar o comentário dessa mãe pude observar que ela se preocupa com a aprendizagem de sua filha. Ao contrário de alguns pais que não procuram saber como vai o desenvolvimento educacional de seus filhos.

Já a mãe M. J. S. com 33 anos com Ensino Fundamental Incompleto nos diz que: Incentiva seu filho a ler e a escrever para se torna um cidadão de bem no meio da nossa sociedade. Algumas vezes percebo que o meu filho não dá muita importância para aprender, mais fico insistindo relata a mãe. Eu tenho a certeza que com o passar dos anos ele vai melhorar nos estudos. Percebo a preocupação dessa mãe no desenvolvimento da leitura e da escrita do seu filho, afirmando com o passar do tempo ele vai se interessar pelos estudos.

O relato da mãe M. H C. com 43 anos Alfabetizada nos diz que:

- “Eu incentivo o meu filho mais vejo que ele não consegue aprender, a professora já procurou a mim para relatar a falta de concentração e desinteresse nas atividades propostas em sala. Ele apresenta muitas dificuldades na leitura e na escrita, além de não conseguir fazer as tarefas. Ele tem 8 anos e não sei o que fazer”.

O relato dessa mãe nos requer uma atenção para com esse aluno, talvez fosse necessária uma intervenção de um profissional que pudesse fazer algumas observações comportamentais para detectar qual seria o problema que este aluno apresentar ao mesmo tempo, procurando sanar as necessidades. É uma criança, saldável e dentro das normalidades de uma criança aos 8 anos, mas quando se trata de aprendizagem, notamos um elevado déficit. Notamos que existem outros casos como esse dentro da escola, mas na sala do segundo ano, todas as crianças estão conseguindo, ao seu tempo, um bom desempenho para a série.

4. CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO EDUCACIONAL EPAMINONDAS TORRES DE AQUINO

A Escola Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino, situada na Rua João Pessoa S/N, centro na cidade de Mulungu- PB (Figura 04):



Figura 04 – A frenda da Escola Epaminondas Torres de Aquino, 2015. Fonte: Arquivo da autora.

Na referida escola funcionam duas modalidades de ensino: a educação infantil e a primeira fase do ensino fundamental, havendo 12 (doze) salas de aulas no prédio da escola e 3 (três) em anexo, visto o espaço físico desta, não comporta o número de alunos; a escola também possui, 16 banheiros, uma cozinha, uma diretoria, uma pequena área coberta onde as vezes ocorre os eventos escolares, a instituição não dispõe de laboratório, área para recreação, ginásio, e biblioteca, o pequeno acervo de livros paradidáticos ficam em estantes na secretaria, os livros só podem ser utilizados na escola, não havendo portanto empréstimos.

A estrutura da escola além de pequena e inadequada precisa de reparos, a laje apresenta infiltrações, ocasionando problemas na rede elétrica; os banheiros apresentam vazamentos e a maioria das descargas quebradas pelos próprios alunos o que causa transtornos na questão da higiene.

A escola foi fundada em 28 de janeiro de 1973, na gestão do prefeito Jader Ribeiro Cavalcante de Albuquerque, conforme decreto nº 97/ 79. O nome Epaminondas Torres de Aquino foi uma homenagem ao ilustre General do Exército integrante das famílias influentes da cidade de Mulungu. A escola teve como primeira diretora a senhorita Antônia Geralda Gomes, sendo única escola municipal da zona urbana que oferece ensino fundamental I, atende a uma clientela diversificada, porém em maioria de classe popular.

A escola dispõe de 47 funcionários, dos quais 24 são professores, 98% dos docentes são graduados em pedagogia e especialistas, um professor com mestrado, porém atua como coordenador pedagógico, os outros 2% são graduandos em Pedagogia.

O setor técnico administrativo dispõe de 23 funcionários, duas coordenadoras uma atuando na escola e a outra assumindo a função de supervisão, a outra atuando também na secretaria de educação, participando dos encontros pedagógicos e fazendo eventuais visitas na escola.

O Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino, teve a sua primeira assembleia sobre o Conselho Escolar aos oito do mês de abril de mil novecentos e noventa e sete. Conforme o artigo oito do Regime Interno desta instituição, o conselho tem por finalidade promover a atuação integrada dos setores técnicos, pedagógicos e administrativos.

Constituem o conselho: diretor, um professor, um funcionário, um aluno, um pai de aluno, eleito pelos demais pais e um representante da cidade, dentre as competências do conselho estão: assessorar a direção em sua proposta pedagógica; receber e aplicar qualquer recurso financeiro destinado a escola conforme a sua necessidade; examinar e se for o caso, aprovar a prestação de contas apresentadas pelos gestores de recursos,encaminhar aquém de direito, as prestações de conta propor prioridades para a aplicação de recursos entre outros.

Os membros do conselho escolar têm dois anos de mandato, sendo admitida a condução consecutiva.

A escola tem um total de alunos, sendo 60 do infantil IV, 59 do infantil V, 80 do 1º ano, 90 do 2º ano, 100 3º ano, 42 do 4º ano, e 57 do 5º ano distribuídos nos turnos manhã e tarde. Esse universo da pesquisa é importante pois, mesmo sendo uma escola de pequeno porte, existem muitos alunos que se encontram em dificuldade de aprendizagem.

Dentre os programas existentes na escola destacamos: o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) no qual os professores escolhem a cada três anos os livros que melhor atendem aos objetivos almejados pela instituição; o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), programa gerenciado pela Secretaria de Educação e pelo Conselho da Merenda, sendo este último responsável pelo bom uso do recurso e por uma transparência; o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), recurso financeiro e repassado anualmente visando a melhoria da estrutura física e pedagógica da escola, o Conselho Escolar é responsável pelo gerenciamento deste recurso; PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa), que visa a formação de professores que estejam lecionando nas séries do ciclo de alfabetização (1º, 2º, e 3º ano).

4.1 ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOS EDUCADORES E PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Sabemos que o professor é um profissional de extrema importância no processo de ensino e aprendizagem do educando. Ele é capaz de transformar e revelar conhecimentos prévios, é uma profissão que todas dependem dela. A esperança de mudança de uma sociedade torna-se mais forte com a presença do professor. A educação é a principal forma para se ter uma transformação social. A escola é uma referência muito importante na formação do cidadão tornando-os críticos e reflexivos.

Ser professor é ter a extrema responsabilidade que uma profissão requer e cabe a esse educador o que ensinar e como ensinar, trabalhar com ser humano é

muito difícil, cada um apresenta sua forma de agir com o outro, tem sua forma e tempo para aprender. Para ser um professor exige inovações, criatividade, paciência, para que os educandos possam compreender o que está sendo estudado em sala, por isso devemos estar sempre estudando, buscando inovações, revendo as práticas pedagógicas, e criando novas estratégias para facilitar o aprendizado dos alunos (GADOTTI, 2007).

Na escola que escolhemos para pesquisar, o Centro Educacional de Epaminondas Torres de Aquino, Mulungu-PB, como já caracterizamos no capítulo anterior, apresenta um quadro de 24 professores, todos graduados em Pedagogia e especialistas.

A escola tem se destacado pela qualidade dos seus professores, apresentando rendimentos muitos bons no que se refere à qualidade de Ensino e pelas propostas apresentadas pelos professores, demonstrando uma preocupação com o processo pedagógico desenvolvido e desenvolvimento práticas inovadoras no processo de ensino da leitura e escrita.

Tem-se a preocupação com o desenvolvimento da capacidade reflexiva dos alunos e o posicionamento dos profissionais envolvidos no sentido de viabilizar práticas escolares em que o contato com o material de leitura seja constante, tornando a leitura algo mais próximo da realidade dos alunos e despertando o interesse devido para a abertura do aprendizado da leitura e da escrita de textos de forma mais prazerosa.

Tanta preocupação só poderia resultar em índices educacionais melhores para o nosso município, que de acordo com os números do IDEB/2013, revela o aprendizado dos alunos quanto ao desempenho nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática (Prova Brasil) e com base no fluxo escolar (taxa de aprovação), atingiu a meta nos anos iniciais da rede pública e até cresceu, embora não tenha atingido 6.0, meta prevista pelo MEC para ser alcançada até 2022.

O município de Mulungu atingiu de índice de aprendizado 4,72. De fluxo 0,90 e de Índice geral 4,3, ultrapassando a meta proposta pelo MEC que era de 4.0, para o município. Em relação à Evolução do IDEB, percebe-se que desde 2005, o município tem crescido consideravelmente, inclusive apresentando evolução

considerável das taxas de aprovação nos anos iniciais, o que foi muito comemorado por todos que fazem a educação mulunguense.

Na medida em que os estudantes participavam das atividades que envolve a leitura e a escrita, foram feitos registro de imagens que ilustram bem a nossa pedagogia de projetos como o cantinho da leitura, que sempre se dava com atividades escritas para os mesmos apresentarem o domínio pelo ato de escrever (Figura 05):

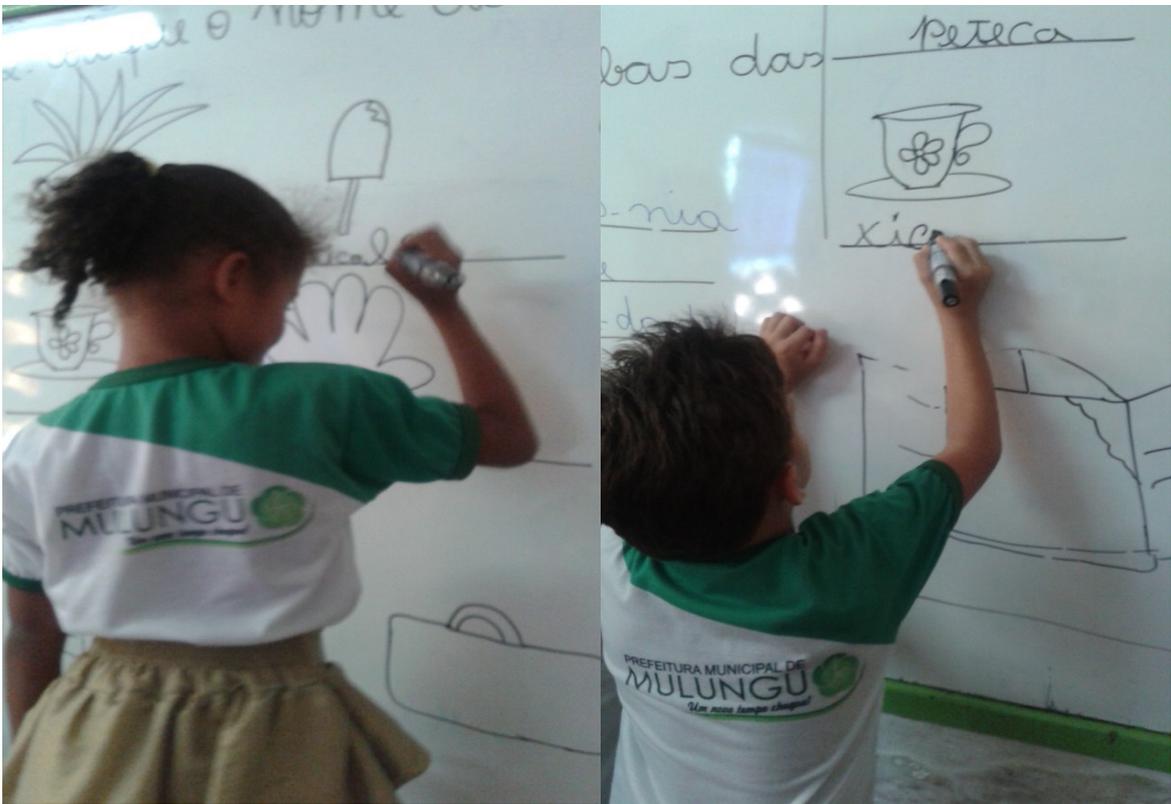


Figura 05 – Estudante fazendo atividades de leitura, 2015. Fonte: Arquivo da autora.

Esse é um momento de fundamental importância para as crianças, pois reservamos um lugar arejado e claro da sala para nos sentarmos ao chão e nos envolvermos com as histórias infantis, contando primeiro uma história e depois comentando com eles sobre os personagens e o enredo. Nessa fase notamos o quanto ficam empolgados com cada história que é lida, que é interpretada e comentada com requintes de detalhes. Depois eles próprios tiram as suas conclusões, reinterpretem e escolhem um entre os livros para fazer a sua leitura silenciosa.

Muitas das crianças já conseguem ler direitinho, mesmo que com uma entonação própria e com dificuldade em pronunciar as palavras menos familiares. Outros não conseguem a leitura, então temos que dedicar mais tempo e mais cuidado com essa diferenciação de tempos no aprender de cada um.

Na sequência vemos que a criança consegue escrever sobre elementos que estão, tanto nas historinhas, quanto no cotidiano dos mesmos. Na escola sempre vamos encontrar aquelas crianças mais desinibidas, mais apegadas ao ato da escrita. Temos aquelas crianças que adoram ir ao quadro para o ato da escrita (Figuras 06 e 07):



Figuras 05 e 06 – Estudantes de ambos os sexos fazendo atividade na lousa, 2015. Fonte: Arquivo da autora.

Escolhemos entre os vários estudantes dois exemplos, entre os meninos e meninas daqueles que gostam de fazer atividades práticas. Mas quando estamos fazendo essas atividades, para aqueles que sabem, surgem uma verdadeira competição entre eles para saber quem vai ao quadro, em que todos querem participar dessa atividade. Isso demonstra que os mesmos estão no caminho certo para ampliação do conhecimento formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo intensivo sobre os aspectos que envolvem o processo de aquisição da leitura e da escrita nas fases iniciais da Educação básica, principalmente, com foco, na escola pesquisada o Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino em Mulungu/PB, consideramos que o processo de aquisição dessas potencialidades não se constitui um fator de fácil desenvolvimento, pois, de acordo com as entrevistas direcionadas aos professores, há uma intensa vontade por parte deles(as), mas também muitos entraves que são facilmente perceptíveis e contribuem para o prática pedagógica desenvolvida não alcance os objetivos planejados.

Os professores (as) são unânimes quando chegam a um fator comum, pois consideram que a família deveria estar mais presente na educação dos filhos, contribuindo de forma mais enfática, tornando todo o esforço dos profissionais de educação mais produtivos e contribuindo de forma significativa. Aliás, não é uma discussão nova, a inserção da família mais próxima da escola.

Tem sido pauta de muitos congressos e discursos universitários, mas que se tornam muito difíceis de pôr em prática, por muitos fatores que, chamamos aqui, de fatores associativos, como:

- a) às vezes, o desapego e a falta de noção da família, principalmente das mais simples e que tiveram pouco acesso à educação, que mesmo imbuídas pelo ideal de realização próprio, projetam nos filhos que estão na escola, a responsabilidade por frequentar a escola para que tenham um futuro melhor;
- b) outras vezes, a família está ausente por questões de trabalho. A sociedade moderna exige que os membros da família trabalhem para prover a subsistência, e a educação dos filhos é relegada aos avós, ou a um parente mais próximo, mas nunca com a intensidade de responsabilidade requerida, etc.

Assim, a permanência da família na escola, da forma como se visualiza, tem sido frustrada e não é difícil encontrar diretores e professores reclamando a

ausência familiar, e às vezes, revoltados porque as visitas dos pais à escola, só se realizam por uma causa extrema como nos casos em que há problemas e que o filho recebe uma punição ou quando são reprovados no fim do ano, quando deveriam ter acompanhado mais de perto o desenvolvimento de seus filhos durante todo o ano letivo.

Os pais, também partilham dessa mesma vontade de querer que seus filhos desenvolvam o processo de aquisição da leitura e escrita, mas que muitas das vezes, mesmo com o incentivo deles, e o aluno estando regularmente frequentado as aulas na escola, ainda é difícil de se concretizar.

Sabemos que muitos entraves podem ser observados, não só na escola, mas também na família. Por sua vez, a escola numa tentativa veemente desenvolve técnicas e novas práticas que incentivem o gosto dos alunos e alunas para a leitura, escrita e reescrita de textos, pois são saberes necessários para que os mesmos possam agir com mais segurança no meio social em que habitam, e assim, posteriormente, possa ser um cidadão mais crítico e ativo em sua comunidade.

Este trabalho, para nós, traz uma visão que não tem a pretensão de se tornar estanque, pois os tempos mudam e, por conseguinte, as práticas educativas devem acompanhar o ritmo para que a escola atinja os objetivos aos quais se propõem.

Enfatizamos, também a importância da formação profissional dos professores que deve ser condizente com a sua área de atuação, de forma que os saberes teóricos possam ser articulados de forma a criar um clima que propicie uma prática educativa com o comprometimento do desenvolvimento da leitura e da escrita em seus alunos.

O desenvolvimento da leitura e da escrita desde as fases iniciais se configuram como imperantes em nossa sociedade. Trata-se de abrir novos horizontes para os pequenos, que se tornarão os futuros cidadãos de um determinado município, e que a sociedade os receberá, e que os mesmos agirão da forma que lhes foram ensinados, provocados.

Por isso, é necessário que sejam cidadãos conscientes, e não meros subservientes, capazes de intervir em todo o processo construtivo de uma sociedade

que caminha para a humanização, para a defesa de seus direitos, e para o bem comum.

Em relação aos docentes, a experiência foi muito positiva, pois ao ouvir o que pensam sobre a sua profissão e sobre o seu cotidiano na escola, tivemos oportunidade de dialogar com todas as partes, em especial com aqueles que servem como espelho para os estudantes e inclusive para a sociedade.

Os professores estão inseridos no contexto do fazer escolar, como protagonistas de um processo de ensino e aprendizagem, no qual, em muitos casos, o educando é muito mais que um simples professore, por nos deparamos com situações familiares as mais diversas, com problemas sociais, econômicos e culturais dos nossos alunos que exigem muita experiência pedagógica e psicológica.

Foi, portanto, uma experiência, para nós, muito produtiva, pois conhecemos a prática educativa do corpo docente da escola, e podemos perceber que, com o processo de ensino, e a escola aos poucos tem se superado, atingindo índices significativos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), conquistas que fortalecem a comunidade a partir da escola.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA**, Maria de Fátima B. **Linguagem, Educação de Professores**. Nuances- Vol. IV-setembro de 1998.
- BRASIL**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Vol. 2. Brasília, DF, 1997.
- FREIRE**, Paulo. **A importância do ato de ler**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- FIORIN**, José Luís. **O Conceito de Linguagem**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l1Zusz_3e8
- GADOTTI**, Moacir. **A escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1.ed.São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- IDEB DO MUNICÍPIO DE MULUNGÚ**. Disponível em: www.qedu.org.br/cidade/461-mulungu/ideb Acesso em 18 de junho de 2015
- KRAMER**, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**- São Paulo. Ática, 2010.
- LIMA**. Carmem Vânia. **As marcas da oralidade da produção escrita o aluno e escrita**. Disponível em: <www.filologia.org.br/anais/anais III CNLT 16.htm>
- MARTINS**, Maria Helena. **“Que é leitura”**. Coleção primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, 2003.
- RANGEL**, Jurema Nogueira Mendes. **Tempos e espaços de leitura nas escolas**. In: *Leitura na escola: espaço para gostar de ler*. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- RIBEIRO**, Luís Fernando. **O conceito da linguagem em Bakhtin**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2016.html> Acesso em 18 de junho de 2015.
- SAUSSURE**, Ferdinand de Saussure. **Curso de Lingüística Geral**. 12.ed. São Paulo, Cultrix, 1966.
- SOLÉ**, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1988.